

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

Folha de São Paulo

Class.:

EUBR0004

Data

9 de Dezembro de 1984

Pg.:

Desmatamento continua
problema em Balbina

PATERSON PEREIRA

Repórter do Sucursal de Brasília

O problema da incompetência da Capemi para fazer o desmatamento da reserva florestal que acabou sendo inundada pela usina hidrelétrica de Tucuruí continua apresentando seus reflexos, no tempo e no espaço: a dois mil quilômetros de distância, a pequena usina hidrelétrica de Balbina corre o risco de passar pelo mesmo desastre.

A usina de Balbina deverá entrar em operação em abril de 1988 e, para que isso seja possível, é necessário que a área do reservatório esteja desmatada até abril de 1987, pois, por ser uma região muito plana, a lenta água do rio Uatumã levará um ano para encher o lago daquela hidrelétrica. Para se ter uma idéia do problema, basta comparar com Tucuruí: nesta, o reservatório deverá estar completamente cheio em cerca de três meses, embora ocupe uma área ligeiramente superior à de Balbina, ou seja, 216 mil hectares.

Além disso, a potência instalada em Tucuruí será de 3.960 megawatts, devendo ser elevada a 8.000 megawatts em segunda etapa, enquanto que em Balbina a capacidade instalada será de 250 megawatts (menor, portanto, do que uma das turbinas de Tucuruí).

Esta é a questão crucial da Eletronorte: como a região é plana e o rio é lento, as águas do reservatório de Balbina levarão um ano para ser renovadas (em Tucuruí, elas se renovam a cada 45 dias). Se a floresta de Balbina for afogada — como em Tucuruí — haverá tempo para formação de gases (gás sulfídrico) prejudiciais às suas turbinas. Desse modo, a Eletronorte não pode abrir mão desse desmatamento.

Aí é que entra a questão do tempo. A empresa tem apenas dois anos e quatro meses para deixar a área pronta, de modo que a barragem daquela usina possa ser fechada em abril de 1987 e iniciar suas operações em 1988. A Eletronorte não se considera uma empresa de desmatamento florestal e sim de produção de energia elétrica. Foi por esse motivo que entregou a questão de Tucuruí ao IBDF, que fez uma concorrência para fazer o desmatamento, vencida pela única empresa que se apresentou: a Capemi. Como a Capemi também não tinha experiência no setor de desmatamento — e o desmatamento na Amazônia apresenta características próprias — o resultado foi que o reservatório de Tucuruí inundou um inestimável potencial madeireiro e a empreiteira acabou falindo.

É justamente isso que a Eletronorte deseja evitar. Até setembro, a diretoria técnica da empresa estava

estudando a possibilidade de publicar um edital de licitação para selecionar as empresas nacionais interessadas em fazer o desmatamento de pouco mais da metade da área a ser inundada em Balbina, justamente onde há um maior volume de madeira comercializável. Seriam desmatados 84 mil hectares, divididos em sete blocos de 10 mil hectares cada um e um de 14 mil hectares, de modo a não ter apenas uma empresa realizando o trabalho.

O edital de licitação já estava pronto, quando o então presidente da empresa, Douglas Sousa Luz, foi substituído por Miguel Rodrigues Nunes, que imediatamente mandou suspender os estudos para poder se inteirar do problema.

Uma das alternativas para a madeira do reservatório da usina hidrelétrica de Balbina é o seu uso na termelétrica de 25 megawatts, que funciona com cavaco de madeira. Mas, segundo o diretor técnico da Eletronorte, Kerman José Machado, "há um elenco de alternativas para o uso da madeira", que, além de servir para alimentar a termelétrica, pode ser conservada (com cresoto, asfalto de emulsão ou com silicone, que não são produtos tóxicos) para uso futuro ou mesmo para exportação. Em sua opinião, a solução mais adequada (as outras alternativas para conservação são muito caras) talvez seja do próprio reservatório, até que tenham uma destinação.

Alternativas para o uso da madeira existem, mas qual será a solução para o desmatamento? Segundo o diretor técnico da Eletronorte, os consultores florestais identificaram 33 milhões de metros cúbicos de madeira comercializável, no valor de aproximadamente US\$ 60 milhões, enquanto que o custo do desmatamento deverá ficar em torno de US\$ 38 milhões. Segundo Kerman Machado, o presidente da Eletronorte já apresentou ao ministro das Minas e Energia, César Cals, uma sugestão no sentido de que seja publicado um edital de chamamento às empresas de desmatamento interessadas no trabalho a ser realizado em Balbina. O edital ainda não foi publicado, pois o ministro César Cals está estudando a sugestão, mas ele disse que deseja que os madeireiros locais façam o desmatamento.

O diretor técnico da Eletronorte não admite a possibilidade de não haver interessados em fazer o desmatamento de Balbina. "A madeira, hoje, é um produto caro e, por esse motivo, estou otimista que apareçam madeireiros em quantidade suficiente para fazer o desmatamento de Balbina dentro do tempo de que dispomos", disse Kerman Machado, segundo o qual "dois anos e meio é tempo suficiente para realizar o trabalho".